

## A Representação do Muçulmano no Cinema Norte-Americano<sup>1</sup>

Maria Eduarda Ribeiro ESTEVES<sup>2</sup>

Cristina Teixeira Vieira de MELO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

Este artigo analisa a representação das pessoas de etnia árabe, mais propriamente, os muçulmanos, em grandes bilheterias do cinema dos Estados Unidos. À luz dos Estudos Culturais, teoriza-se no *paper* sobre os filmes “Comando Delta” (1980), “Verdade da Mentira” (90), “Regras do Jogo” (2000) e “Argo” (2012), a fim de se buscar entender quais as causas e consequências de haver uma “vilificação” cinematográfica de tal grupo.

**Palavras-chave:** cinema; Estados Unidos; Estudos Culturais; representação; vilificação; muçulmano.

### Introdução

Denomina-se muçulmano um indivíduo que crê e segue a fé islâmica – religião monoteísta centrada na trajetória e nos ensinamentos do profeta Maomé (BAHAMMAM, 2014). Este artigo apresenta como principal objetivo analisar como se dá a representação do islâmico no cinema norte-americano. Para isso, levanta-se a hipótese de que a representação de árabes que seguem a fé islâmica é, nos *blockbusters* do cinema norte-americano, majoritariamente ligada a papéis de vilões. E não é de hoje, desde o início, a produção cinematográfica daquele país consolidou um grande poder de influência de tal representação imagética nos espectadores.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Área 4 – Cinema e Audiovisual do Intercom Júnior, no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); [dudaribeiro90@gmail.com](mailto:dudaribeiro90@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo do CAC – UFPE; e-mail: [cristinateixeiravm@gmail.com](mailto:cristinateixeiravm@gmail.com).

De acordo com a corrente de estudos do Interacionismo Simbólico, as novas tecnologias da comunicação (na época, a televisão e rádio; podem-se incluir a isso outras mídias, como o cinema) contribuem para enriquecer o potencial cognitivo da comunicação social, mas, ao mesmo tempo, podem se tornar tecnologias capazes de servir à manutenção das relações de poder vigentes na sociedade e, por conseguinte, transformar-se em meio de violência simbólica na sociedade.

Então, culturas distantes umas das outras, por exemplo, podem ser bem entendidas através de um filme, a exemplo deste estudo de caso, assim como podem ser negativadas. Seguindo esta linha de pensamento, procura-se entender aqui quais seriam as principais causas e consequências, ao longo das décadas, de grandes produções cinematográficas dos Estados Unidos (EUA) insistirem em caricaturar a figura do muçulmano, estereótipos que, acredita-se, podem levar a impactos negativos na forma como os islâmicos são vistos.

A análise é baseada em filmes produzidos nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, sempre tentando mapear se houve ou não mudanças na forma como as personagens muçulmanas são representadas no cinema norte-americano. Dessa maneira, quatro filmes foram elencados de acordo com a década de lançamento. Os longas-metragens serão estudados não somente pelo ponto de vista da abordagem ficcional, mas também a partir de um estudo da situação político-sócio-cultural – tanto dos EUA como dos países que lhe são aliados.

### **Os Estudos Culturais no Cinema**

Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart foram responsáveis pelos estudos que, posteriormente, resultaram na criação dos Estudos Culturais. Essa espécie de “disciplina” busca entender a relação e examinar a multiplicidade inerente a cada cultura, de forma que é questionável a interação que se baseie na autoridade. Além disso, suas pesquisas destacam ligações entre diferentes culturas que detém poder de hierarquização, ou seja, nas quais há uma espécie de estratificação cultural. Nos filmes, é possível perceber que existe uma hierarquização das culturas, sendo os norte-americanos as vítimas, situados sempre em situações de inocência ou de heroísmo. Já os muçulmanos estão sempre situados no lado oposto, em cenas trabalhadas tanto esteticamente quanto subjetivamente para que eles sejam interpretados como pessoas ruins. Não apenas vilões, mas vilões impiedosos. Maniqueísmo.

Os Estudos Culturais propiciaram a construção da ideia de que representar cinematograficamente é um ato político, não só de puro entretenimento (indústria cultural), desenvolvendo uma consciência crítica sobre os filmes, telefilmes e programas de televisão. Isto reforça a ideia de que a cinematografia norte-americana tem diversos interesses em representar os muçulmanos como terroristas, vilões e assassinos. Um dos maiores objetivos dos estudos culturais no cinema é elaborar alinhamentos estratégicos que possam intervir na representação de grupos sociais no cinema, por exemplo. Realizar uma espécie de intervenção nesse relacionamento de dominação entre as culturas, de modo que uma consciência crítica fosse incentivada, buscando articular mudanças na representação cultural.

### **A Teoria Hipodérmica**

A Teoria Hipodérmica, também conhecida como Teoria da Bala Mágica, realça a ideia de que uma mensagem lançada pela mídia é imediatamente aceita e disseminada entre os receptores, de forma igualitária. Esta teoria surgiu em meados dos anos 1930 e foi idealizada por Harold Lasswell, cientista político e teórico da comunicação. Segundo o pensamento de Lasswell, a influência dos meios de comunicação é eficaz na adesão das massas às ideologias. Daí ser conhecida como “bala mágica”, pois as mensagens lançadas pela mídia são como balas que atingem a todos. Sem qualquer interferência ou resistência, cada indivíduo seria atingido diretamente pela mensagem e esta, por sua vez, seguiria alguns princípios *behavioristas* de estímulo e resposta.

Quer dizer, em um sentido geral, que tal teoria possui a capacidade de manipulação de quem recebe a mensagem. A ideia *behaviorista* significa que toda resposta corresponde a um estímulo, porque se entende que não há resposta sem estímulo, ou estímulo sem resposta. Por isso, os indivíduos são estudados e compreendidos de acordo com suas reações aos estímulos recebidos. O processo comunicativo, de acordo com Lasswell, implicaria algumas premissas:

Esses processos são inteiramente assimétricos com um emissor ativo que produz o estímulo e uma massa passiva de destinatários que, ao ser atingido pelo estímulo reage; (b) a comunicação é intencional e tem por objetivo obter um determinado efeito observável susceptível de ser avaliado na medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objetivo. Este está sistematicamente relacionado com o conteúdo da mensagem. Consequentemente a análise de o conteúdo apresentar-se como instrumento para inferir os objetivos da manipulação dos emissores e os únicos efeitos que tal modelo torna pertinentes

são os que podem ser associados a uma modificação, a uma mudança de comportamento, atitudes opiniões, etc.; (c) Os papéis de comunicador e destinatários surgem isolados independentes das relações sociais, situacionais e culturais em que o modelo em si não completa: os efeitos dizem respeito aos destinatários atomizados, isolados (SCHLZ, 1982 *apud* WOLF 1994).

### **Uma Visão Histórica**

O muçulmano é o seguidor da fé Islâmica, são bilhões de pessoas de diferentes nacionalidades e culturas. Porém, a grande parte, cerca de 18%, vivem no mundo árabe. A religião foi fundada pelo profeta Maomé, no início do século VII, na região da Arábia. Desde o século XVIII, quando ainda existiam as colônias europeias no oriente, o ocidente sempre demonstrou poder de dominação, sendo a cultura oriental a forma de maior expressão do contraste. Dessa maneira, percebe-se que a relação do oriente-ocidente sempre se baseou na dominação, e não na relação de igualdade. Até hoje, essa relação ainda é bastante exercida, através do cinema – como é possível perceber nos filmes em análise.

O conflito árabe-israelense é longo no Oriente Médio: passa-se desde o fim do século XIX. Um dos principais motivos deste dilema está na autodeterminação do Estado de Israel e, posteriormente, no relacionamento dessa região com seus vizinhos limítrofes árabes, com ênfase para o povo palestino, o qual, devido ao não reconhecimento de Israel ao território, acabou sem estado. O conflito já levou a, pelo menos, cinco guerras e um número apreciável de entraves armados de menores dimensões; foi também fonte de duas intifadas (levantamentos populares). O número de pessoas mortas é incontável, mas o antigo impasse não tem previsão para acabar.

Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, a aliança entre os EUA e Israel é algo que tem sido elemento essencial da política norte-americana no Oriente Médio. Estratégia político-econômica, diga-se. Os Estados Unidos desempenharam um papel fundamental apoiando o seu principal aliado. Ambos estão ligados intimamente pelos laços históricos e culturais, bem como por interesses mútuos. A contínua assistência econômica e de segurança dos Estados Unidos a Israel reconhece tais laços e sinaliza, ainda, o compromisso assumido pelos norte-americanos; as grandes questões de paz entre árabes e israelenses têm recebido um importante destaque no relacionamento entre desses dois países.

### **Uma Breve Sinopse**

Os filmes escolhidos para o presente paper foram elencados por décadas diferentes e consecutivas. Em busca de uma melhor compreensão, foram disponibilizadas as sinopses dos filmes que serão posteriormente analisados.

### **Comando Delta (1986)**

Discorre a história de extremistas políticos, representados por árabes da religião muçulmana, que tomam inocentes como reféns. E para que a paz seja garantida, apenas os super-soldados (Chuck Norris) e (Lee Marvin) podem resgatá-los nesta “impressionante mistura de fatos, fantasia e aventura”. Quando um avião norte-americano de passageiros é tomado por sequestradores e levado para Beirute, o Presidente chama o Comando Delta - uma equipe de ataque comandada pelo Coronel Nick Alexander (Lee Marvin) e o Major Scott McCoy (Chuck Norris). Enfrentando todas as adversidades, os homens invadem o esconderijo e - sem levar nenhum prisioneiro - resgatam os reféns. Mas a missão ainda não acabou. Alguns passageiros remanescentes estão sendo “escoltados” a Teerã – o que dá início a uma corrida contra o tempo. Foi dirigido por Menahem Golan.

### **Verdade da Mentira (1994)**

Dirigido pelo renomado diretor de Hollywood, James Cameron, o filme traz no enredo a história do agente secreto do governo (Arnold Schwarzenegger), especialista em combate ao terrorismo, está casado há quinze anos, sendo que durante todo este tempo faz sua mulher (Jamie Lee Curtis) acreditar que apenas vende material de informática. A esposa por sua vez acha sua vida insossa e, coincidentemente, se envolve com um pretenso espião (Bill Paxton), no intento de trazer alguma emoção ao seu dia-a-dia. Ao investigar o “caso” da mulher, o agente descobre que o tal “espião”, na verdade, é um simples vendedor de carros, que inventa histórias mirabolantes para tentar conquistar mulheres emocionalmente carentes, e que sua mulher não o está traindo. Mas resolve dar um “susto” nela e, sem querer, acaba envolvendo a mulher e a filha (Elisa Dushku) em um caso de terrorismo no qual está trabalhando.

### **Regras do Jogo (2000)**

O filme foi dirigido por William Friedkin e conta a história de quando a embaixada americana no Iêmen foi cercada por uma multidão de manifestantes islâmicos. O Coronel Terry Childers (Samuel L. Jackson) recebe a ordem de levar um esquadrão de soldados para

o local, a fim de garantir a segurança do embaixador norte-americano. Ele tem ordens para evacuar o embaixador e sua família, caso a situação torne-se violenta. Algumas horas após o início da missão de Childers, o embaixador está a salvo, mas três de seus homens morreram, além de mais de 80 homens, mulheres e crianças, que foram mortas por disparos vindos de seu esquadrão. Childers enfrenta então uma corte marcial sob a acusação de ter desrespeitado as regras militares por matar civis desarmados. Ele contesta a acusação, alegando que os civis estavam armados e abriram fogo contra a embaixada americana. Mas parece que o governo americano quer que Childers seja o bode expiatório de uma das mais graves crises diplomáticas dos Estados Unidos.

### **Argo (2012)**

O filme se passa no ano de 1979, quando o Irã está em ebulição, com a chegada ao poder do aiatolá Khomeini. Como o antigo Xá ganhou asilo político nos Estados Unidos, que haviam apoiado seu governo de opressão ao povo iraniano, há nas ruas de Teerã diversos protestos contra os americanos. Um deles acontece em frente à embaixada do país, que acaba invadida. Seis diplomatas americanos conseguem escapar do local pouco antes da invasão, indo se refugiar na casa do embaixador canadense. Lá eles vivem durante meses, sob sigilo absoluto, enquanto a CIA busca um meio de retirá-los do país em segurança. A melhor opção é apresentada por Tony Mendez (Ben Affleck), um especialista em exfiltrações, que sugere que uma produção de Hollywood seja utilizada como fachada para a operação. Aproveitando o sucesso de filmes como “Guerra nas Estrelas” e “A Batalha do Planeta dos Macacos”, a ideia é criar um filme falso, a ficção científica *Argo*, que usaria as paisagens desérticas do Irã como locação. O projeto segue adiante com a ajuda do produtor Lester Siegel (Alan Arkin) e do maquiador John Chambers (John Goodman), que conhecem bem como funciona Hollywood.

### **O Cinema dos EUA Além das Telas**

O cinema é uma ferramenta criadora de imaginários sociais. O conceito de imaginário que está sendo utilizado nesse artigo, assemelha-se ao conceito de imaginário-fonte definido por BARBIER (1994). De acordo com o autor, “imaginário-fonte é a faculdade de criação radical de formas/figuras/símbolos, tanto psíquicos, quanto social-históricos que se exprimem no representar/dizer dos homens”. Dessa maneira, o cinema pode ser entendido como uma espécie de elemento no processo de interação e interpretação

da realidade, pois reproduz imaginários, e os mesmos agem sob a sociedade, influenciando de forma não passiva. O imaginário, por sua vez, representa uma das bases formadoras de estereótipos, podendo atuar na visão da sociedade para com o que se mostra diferente.

Em 1986, o filme “Comando Delta” foi lançado ao público, e logo alcançou um grande sucesso nas bilheterias, não só nos EUA, como em grande parte do mundo. Tensão, ação e previsibilidade são o tripé principal do longa. Logo no início do filme, os sequestradores são identificados como árabes, pelos seus traços físicos e a língua falada. Em diversas cenas, os sequestradores ameaçam explodir o avião sob o pretexto de serem um grupo revolucionário, e de forma mais tímida, fazem uma espécie de reza islâmica, uma pequena frase, na qual é possível detectar que o filme deseja passar a imagem de que os terroristas são muçulmanos. A frase é “Allahu Akbar”, uma possível tradução seria: Deus é maior.

Além de interesses pessoais dos EUA em sempre manter a sua hegemonia, como o “bom moço” ou o herói, o que pode ser percebido na figura de Chuck Norris (Major Scott McCoy). Existe, também, o apoio dos Estados Unidos a Israel, no conflito árabe-israelense. Essas grandes produções cinematográficas, geralmente são financiadas por órgãos governamentais, o que explica o fato do “heroísmo” que o americano passa nos filmes, enquanto o muçulmano, não. Ou seja, o governo norte-americano possui a tarefa de através de filmes, por exemplo, passar a ideia de superior e correto, além disso, manchar a imagem de seus inimigos políticos como assassinos e terroristas.

O fato do diretor do filme ser israelense não reflete em uma mera coincidência de que alguns personagens no filme representem judeus, em forma de vítimas dos “terroristas” árabes. A produção do filme por ser mesclada entre EUA e Israel demonstra o quanto o cinema não é imparcial, ou melhor demonstra que ele é feito com um propósito que vai além das salas de cinemas.

A imagem do povo árabe começou a ter mudanças após o conflito da Segunda Guerra Mundial, o conflito árabe/israelense, o embargo do petróleo nos anos 70 e a revolução Iraniana, quando estudantes americanos foram feitos de reféns. No ano de 1994 o filme “Verdade da Mentira” foi lançado, e como mais um das centenas de filmes que retratam os muçulmanos como terroristas, esse não foi diferente. Com Arnold Schwarzenegger como o grande herói e bom moço, o filme demonstra-se imprevisível e com um roteiro fraco. James Cameron prefere trabalhar a estética cinematográfica ao conteúdo. Muita ação, disparos de arma de fogo, mas pouca história. Os muçulmanos são

estigmatizados como fundamentalistas religiosos e impiedosos, sempre maltratando crianças ou adultos. Palestinos que são vítimas dos ataques dos EUA nunca têm espaço nessas produções, é como se não existissem esses acontecimentos.

É possível perceber outros fatores que são cruciais para o entendimento que há um interesse político por trás do filme. A história é contada, segundo a visão sempre dos EUA, não existe uma base de roteiro ou texto sólido, que configure uma dualidade de ideias. Apenas a visão norte-americana, enquanto vítima é trabalhada, usando inclusive do apelo emocional.

Fica bastante claro que há o objetivo de tentar aliar o que vem a ser a religião com os atos de terrorismo e de castigo. Como se todo praticante da fé islâmica fosse terrorista, e que para essas pessoas há sempre o castigo justo, que consiste em serem mortos. E o filme passa isso de maneira brutal. Sem algum cuidado, a ideia que é passada é que o herói do filme tem o dever de exterminar centenas de muçulmanos, pois todos sem nenhuma exceção são perversos, terroristas e impiedosos.

No ano de 2000, o filme “Regras do Jogo” demonstra o ápice do que vem a ser o racismo e a controvérsia no cinema. O filme começa mostrando um massacre ao povo palestino na região do Iêmen, 83 pessoas são mortas e ao longo do filme, a ideia que é passada é a de que o roteiro tenta justificar essas mortes. É como se a humanização dos palestinos fosse algo proibido no código cinematográfico de *Hollywood*. Na época em que o filme foi lançado, os EUA já possuíam exércitos em algumas regiões do Oriente Médio.

No decorrer do filme, com a investigação sendo feita, tudo indica que de fato ocorreu um massacre por parte dos fuzileiros da Marinha norte-americana. Quando em uma parte do filme, uma fita cassete encontrada na investigação do caso, ao ser ouvida no tribunal, revela que a manifestação dos palestinos não era pacífica. Mas sim, de caráter violento. Que eles queria exterminar os americanos sejam eles militares ou civis. E mais uma vez, a trama desencadeia a mesma ideia: os muçulmanos são os culpados.

O fato cinema americano representar funções sociais “inferiores” aos árabes demonstraria menos a realidade em si e mais um desejo de dominação que se realiza pela continuidade de uma representação cinematográfica racista e anti-étnica ou o que quer que seja. Os estudos culturais ajudaram a construir a ideia de que representar cinematograficamente é um ato político, desenvolvendo uma consciência crítica sobre os filmes, telefilmes e programas de televisão.

O vencedor do Oscar de 2013, *Argo*, lançado no ano de 2012 no cinema mundial, *Argo* demonstra uma pequena mudança em relação aos outros filmes em análise. Embora mostre os muçulmanos como terroristas e pessoas ruins, ainda sim, mostra, também o lado “negro” dos EUA. Baseado em fatos reais, o filme se passa na década de 70 e dinamiza sua história mostrando a invasão da embaixada americana no Irã pelos revolucionários seguidores do Aiatolá Khomeini, que resultou na captura de todo o corpo diplomático estadunidense local como refém, exceto seis diplomatas, que escapam para a casa do embaixador canadense.

Até a própria estética do filme tende a assustar o telespectador, fazendo o mesmo uso que “Comando Delta”, o filme exibe diversas vezes, chegando até a ficar cansativo a imagem do Aiatolá vigente na década de 70. Analisando essa longa, com a Teoria Hipodérmica, é como se fosse necessário passar diversas vezes uma mesma imagem para que o receptor seja manipulado a entender o que o diretor do filme quer passar.

O roteiro do filme preocupa-se em mostrar, diferentemente dos outros filmes, o real motivo de haver uma revolução por parte dos palestinos. Muito embora, a trama prefira mais uma vez estereotipar esse povo como intolerante, reacionário e imprudente.

### **Considerações Finais**

O contexto histórico é algo que pode ser considerado como fundamental no entendimento de um produto cinematográfico. Alguns acontecimentos históricos e políticos são tidos como cruciais para algumas mudanças. “Washington e Hollywood surgem do mesmo DNA” (Valenti, Jack). Essa frase foi retirada do documentário de bastante sucesso, “Filmes Ruins Árabes Malvados: Como Hollywood Vilificou um Povo.” Dita pelo presidente da Associação Cinematográfica Estadunidense. Fica bastante claro que a produção destes filmes que foram analisados tem o total aval do governo dos EUA. A mensagem de que o povo árabe é terrorista parece ter que ser entregue ao resto do mundo a qualquer custo.

A humanização do povo árabe, mais especificamente do muçulmano, é algo que choca. Justamente pelo fato de não existir. Esse grupo social é quase sempre mostrado da mesma forma, que chega até ser cansativa. Representados basicamente como terroristas impiedosos e fundamentalistas, que são dominados por um ideal religioso que não faz parte da realidade. De acordo com os princípios da moral, é eticamente inaceitável demonizar um

grupo simplesmente por questões políticas mal resolvidas. Por isso que a representação é de fato pejorativa e inconsequente.

## Referências

BAHAMMAM, F. S. **A Fé do Muçulmano**: Explicação dos Pilares da Fé e do Significado de La Ilaha Illa Allah. Modern Guide, 2014.

DEMANT, P. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004, 429 p. ISBN: 85-724-4255-3.

WELLAUSEN, S. da S. **Terrorismo e os atentados de 11 de setembro**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): 83-112, outubro de 2002.

**Anti Semitismo e Islamofobia**. TrabalhosFeitos.com. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Anti-Semitismo-e-Islamofobia/844344.html>.

Visualizado em: 15 de mai. de 2014.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre Análise Fílmica**. Tradução de Marina Appenzel. Ed. Campinas: Papirus, 1994.

BARBIER, R. **Sobre o imaginário**. In: Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994, p.15-23.

SAID, E. **Orientalismo**: O Oriente como uma Invenção do Ocidente. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001.

**Filmes Ruins, Árabes Malvados, Como Hollywood Vilificou um Povo**, Sut Jhally, EUA, 2007, 50 min, Media Education Foundation.

ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos Culturais**: Uma Introdução. In SILVA, T. T. (org) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed., Autentica, Belo Horizonte, 2006.

HOHLFELDT, A; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DE FLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teoria da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GIOVANNINI, G. **Evolução na Comunicação**: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MCLUHAN, M. **Os meios de Comunicação como Extensão do Homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

LIMA, L.C. **Teoria da Cultura de Massa**. 2a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1994.